



Um passo que é lento demais

30 AGO 2005

A economia brasileira cresce bem menos do que vizinhos aparentemente frágeis

A notícia de que o Brasil vai crescer, pelo quarto ano consecutivo, em 2005, menos do que a média dos países sul-americanos, dá a medida de como a política econômica tornou-se demasiadamente cautelosa por aqui. Depois de ficar na faixa de 1% no último ano de FHC e de cair 0,2% no primeiro de Lula, o País foi a quase 5% no ano passado e esperava-se mais para este. Mas em 2005 a perspectiva é de não ir além dos 3%, um movimento mínimo, que praticamente deixa o País estagnado desde 2001.

Vamos andar muito menos do que os 8% ou 9% da Argentina, por exemplo, um país que viveu uma crise sem precedentes três anos atrás e que desde 2003 vem mantendo índices de recuperação invejáveis. Para se ter idéia, a Argentina perdeu 11% de seu Produto Interno Bruto em 2002, depois da quebra e desvalorização do peso no final de 2001.

O índice significou jogar em questão de meses 5 milhões de pessoas para abaixo da linha de pobreza. A Argentina parou, viveu a rotina dos protestos quase diários e só começou a sair do buraco no ano seguinte. A pobreza se mantém em escalas inéditas, mas pelo menos crescer sem inflação o ministro Roberto Lavagna conseguiu.

A partir de 2003, a recuperação econômica argentina tornou-se galopante. Chegou aos 10% naquele ano, foi aos 8% no ano passado e pode repetir a dose neste ano. Nos últimos três anos, a Argentina acumula um saldo positivo próximo dos 30%, o que não apenas fez o país recuperar os níveis pré-quebra de 2001 como já retomou os níveis de atividade do final dos anos 90, quando a crise era só uma ameaça.

Daqui do Brasil, questiona-se

o fato de a Argentina exibir números desde patamares muito baixos. Mas esse desconto deve-se fazer apenas para o primeiro ano de reação. A velocidade atual da economia vizinha é mera obra da política econômica do atual governo, goste-se ou não do estilo nacionalista de Néstor Kirchner, que apostou na continuidade de Lavagna desde a transição de Eduardo Duhalde.

A Argentina é um bom exemplo para dimensionar a lentidão brasileira porque trata-se do vizinho mais duramente agredido por crises nos últimos tempos. Mas pode-se também evocar México, Chile e mesmo a conturbada Venezuela, que vão produzir este ano entre 6% e 9% a mais, segundo as últimas projeções. Segundo essas mesmas previsões, o Brasil só deve ganhar em 2005 do Equador, o pior dos piores da região.

Essa lentidão brasileira não tem a ver com a crise política, já que a maior parte dos agentes econômicos e financeiros está passando ao largo dos ecos das CPIs. Trata-se do resultado da opção da atual política econômica, de Antônio Palocci e companhia, que pisam no freio contra a inflação – e só devem começar a afrouxar agora em setembro, mesmo assim em doses suaves.

É a primeira vez que o Brasil perde por quatro anos seguidos da média sul-americana. Chama a atenção porque nas últimas décadas nós sempre nos sentimos como que economicamente superiores à vizinhança. Mas a realidade mostra-se outra: ao ritmo de boleros e tangos, os fronteiriços parecem ter aprendido melhor do que nós como andar para a frente sem tropeçar.

* Editor da Gazeta Mercantil.

E-mail: ipfeifer@gazetamercantil.com.br